

O "chofer de táxi", o "coronel" e o "intrujão" são apenas alguns dos papéis que os Agentes Especiais desempenham na sua guerra ao crime e à subversão

FREDERIC SONDERN, JR.

As Muitas Faces do FBI



“Os nossos Agentes Especiais quando estão a serviço”, diz J. Edgar Hoover, diretor do FBI, “vestem-se em geral de maneira conservadora, falando e agindo como homens educados que são. Mas às vezes é necessário que se apresentem de maneira mais condizente com os seus fins.”

Esta é o que se pode chamar de

uma maneira atenuada de descrever a realidade. Os Agentes Especiais firmaram uma impressionante reputação entre os criminosos, os subversivos e os espiões por sua fantástica habilidade em penetrar e destruir os grupos conspiradores mais cerradamente organizados, por serem capazes de assumir convincentemente uma falsa identidade.

O caso da tentativa de extorsão de que foi vítima Raymond M. Stagg, de Bethel Island, na Califórnia, exigiu que um dos agentes representasse um papel especialmente difícil. Numa manhã de março de 1962, Stagg irrompeu no primeiro escritório do FBI que encontrou, brandindo furiosamente uma carta. Feita com letras recortadas de jornais, a carta dizia: "Sr. Stagg. Preciso de dinheiro. 13 600 dólares. Sua mulher será a primeira vítima se eu não receber esta quantia. Nada de polícia. Estamos falando sério. Tire o dinheiro em notas de 20 dólares usadas de três bancos. Tenha tudo pronto quinta-feira à noite."

O pitoresco Stagg, que tinha nessa época 76 anos, era bem conhecido nos círculos de jogatina. Durante muitos anos diretor de publicidade do Harold's Club em Reno, no Estado de Nevada, usava cabelos compridos trançados nas costas, um farto bigode e cavanhaque. Dirigia um grande automóvel com chifres de boi montados no radiador e andava sempre com um revólver carregado e uma grande faca de caça.

Stagg era um homem rico e, o FBI sabia, ganhara honestamente o seu dinheiro. Os agentes pressentiram que êle estava diante de homens perigosos. Em vista disso, apesar do desejo expresso de Stagg de "resolver o caso à bala com êsses bandidos" convenceram-no a atender aos telefonemas que seriam dados pelo criminoso, num tom aparentemente submisso. Os telefonemas foram fei-

tos, marcando hora e lugar para a entrega do dinheiro, e Stagg fêz bem o seu papel.

A etapa seguinte era mais difícil. O Agente Especial que iria tomar o lugar de Stagg no encontro tinha de ter uma aparência e uma maneira de agir exatamente iguais às dêle. Seria certamente observado antes de ser abordado. Nesse ponto, o experimentado homem de espetáculos foi de extrema valia. Com o espírito crítico de um diretor de teatro, fiscalizou a feitura do bigode, do cavanhaque e da cabeleira do Agente Especial. Ensinou ao agente o seu andar característico e mostrou-lhe como dirigir o carro com autêntica displi-cência.

Tudo funcionou às mil maravilhas. O agente compareceu ao encontro e o chantagista foi condenado.

O FBI não gosta de entrar em detalhes sôbre tais atividades, mas a sua "divisão de disfarces", como alguns Agentes Especiais extra-oficialmente lhe chamam, não é nenhum segredo. Graças ao seu fichário sôbre as atividades pregressas e as aptidões dos Agentes Especiais, pode apresentar convincentemente um banqueiro, um contato de publicidade, um líder sindical ou um jogador de basebol. Tem a seu serviço maquiladores da categoria de Hollywood e possui tudo quanto é roupa e material concebível—de mantos de diversos postos hierárquicos da Ku-Klux-Klan até aos ganchos usados pelos estivadores. Os seus calígrafos podem preparar qualquer es-

pécie de documento de que um Agente Especial possa precisar.

Acontece, porém, que o agente do FBI tem às vezes de aprender um papel inteiramente nôvo, como no caso em que estêve envolvido Edward King, esquivo chefe intelectual de uma quadrilha de ladrões de títulos negociáveis em casas de corretagem. Havia meses que a polícia de vários estados o procurava e aos seus sequazes, quando o FBI entrou em cena, em virtude da suspeita de que as leis federais tinham sido violadas, pois artigos roubados teriam atravessado fronteiras estaduais.

Figurava na extensa rêde de informantes do FBI um homem que conhecia intimamente King e estava disposto (o FBI paga bem e prontamente) a apresentar um agente que fizesse o papel de intrujão. Combinou-se um encontro. Seguiram-se muitas horas de negociações em bares e esquinas, durante as quais King examinava cuidadosamente e interrogava o seu nôvo parceiro de negócios. O "intrujão", que fôra instruído pelos técnicos do Bureau, tinha resposta para tudo. Podia dizer exatamente os preços vigentes no mundo do crime para vários títulos roubados e especificar os canais e os meios pelos quais se podia dispor dos mesmos.

Em dado momento das negociações, King perguntou de repente:

—Como é que eu vou saber que você não é um agente secreto?

O "intrujão" replicou exatamente no mesmo tom de voz:

—E como é que vou saber se *você* não é?

Isso desanuviou o ambiente e uma transação foi fechada.

—Sabe como é—disse King—temos de tomar cuidado para que os homens do govêrno não nos surpreendam.

Vários dias depois, King apareceu de repente no quarto de hotel do seu colega e fêz entrega de 76 000 dólares de títulos, pelos quais esperava receber 26 600 dólares (cêrca de 35%, conforme fôra combinado). O "intrujão" examinou os títulos com as precauções normais entre criminosos.

—E agora—disse King com um sorriso, estendendo as mãos—se você fôsse um agente, me passaria as algemas.

Para seu horror, o agente meteu a mão no bôlso e fêz-lhe a vontade.

"Os nossos homens podem ser atôres amadores", disse recentemente um funcionário do FBI, "mas são um bocado bons. O desempenho dêles tem salvo muitas vidas." Até nas capturas mais difíceis, os agentes disfarçados só raramente têm de fazer uso de uma arma. Há pouco tempo, um ladrão fugiu da prisão. A mulher dêle, procurada pelos agentes do FBI, resolveu cooperar e disse que tinha um encontro marcado com o foragido. Êste dissera-lhe que chegasse de táxi a certo lugar em determinada hora, e avisara que atiraria em qualquer pessoa que tentasse prendê-lo. Os agentes sabiam que havia necessidade de uma ação pre-

cisamente sincronizada para evitar derramamento de sangue. Estabeleceu-se cautelosamente um plano. O motorista que levaria a mulher para o encontro seria um Agente Especial disfarçado. Atrás dêle, em outro táxi, iriam três pessoas com aparência de homens de negócio, carregando pastas e empenhados numa discussão.

O marido estava no lugar marcado. O agente que fazia o papel de motorista puxou uma discussão sobre o preço da corrida.

—Não, não chega não!—vociferou o motorista para a mulher.—Então faça esta viagem tôda e nem uma gorjeta. Não está direito!

Os três agentes no segundo táxi foram-se aproximando. O fugitivo foi agarrado pelos braços e algemado antes de saber o que havia acontecido.

Os maiores e permanentes problemas da divisão de disfarces são as tortuosas tramas dos agentes de espionagem estrangeiros. Têm êles em geral um quociente intelectual muito mais alto do que o da maioria dos criminosos. O número dêsses bisbilhoteiros aumenta sem cessar à medida que um número cada vez maior de governos—não apenas do bloco comunista, mas também da América Latina, da África, do Oriente Médio e do Extremo Oriente—mostram crescente interêsse pelas medidas militares e diplomáticas dos Estados Unidos.

Êsses espiões têm quase sempre a sua base em prédios oficiais de Nova York e Washington, protegidos pe-

las imunidades diplomáticas. Os agentes do FBI têm de ter o maior cuidado, pois o Departamento de Estado gosta de evitar situações embaraçosas. Um caso deve estar provado sem qualquer sombra de dúvida para que um emissário estrangeiro seja declarado *persona non grata*. Não obstante, o FBI já conseguiu justamente isso em mais de 30 casos importantes nos últimos 10 anos, muitas vêzes com a ajuda da seção de disfarces.

O episódio de Maksim Martynov, adido à delegação soviética junto à ONU, foi típico.* Os agentes soviéticos na Alemanha haviam-se aproximado de um coronel do Exército Americano que estava prestes a voltar para os Estados Unidos e providenciaram para que êle se encontrasse com Martynov em Nova York. O coronel deu parte do fato às autoridades e o caso foi entregue ao FBI. Ficou decidido que o encontro em Nova York seria realizado de acordo com a combinação—mas com um Agente Especial no lugar do coronel.

Uma pesquisa do departamento logo apontou um homem em condições. O rosto era quase exatamente igual ao do coronel—com queixo redondo, tez rubicunda e uma calvície incipiente. Não foi problema dar-lhe mais 10 anos de idade por meio de rugas desenhadas, olheiras e cabelos grisalhos. Mas, infelizmente para o agente, o coronel usava um bigode impressionantemente basto. Para si-

* Ver "Instantâneos de um Espião", Seleções, março de 1964.

mular essa característica foi preciso montar, pêlo a pêlo, um bigode numa camada de borracha sôbre o lábio superior do agente do FBI. Até os melhores disfarces faciais são incômodos para quem os usa. E o bigode foi particularmente incômodo porque produzia tremendas comichões.

Não obstante, o Agente Especial do caso conseguiu passar pelo rigoroso exame dos agentes soviéticos em,

pelo menos, quatro ocasiões. Na última vez, Martynov abriu finalmente o jôgo, procurando obter informações do "coronel". Êste fêz um sinal e os Agentes Especiais designados para o caso se aproximaram. Dentro em breve, Martynov estava de volta à U.R.S.S., depois de ser declarado com polidez mas com firmeza *persona non grata* pelo Departamento de Estado—mais um viajante, por gentileza do agente do FBI disfarçado.



GEORGE Richard Mant Hearne escrevia uma aventura semanal relativa a Sexton Blake (o equivalente inglês de Nick Carter) ou Robin Hood. Uma vez o artista que ilustrava seus trabalhos esqueceu que série estava ilustrando. O desenho, feito para o episódio de Robin Hood da semana seguinte, mostrava um grupo de pessoas sentadas no mato, com as roupas de flanela e os chapéus de palha em moda em 1910.

Hearne mostrou-se à altura da situação e acrescentou um único período ao seu enxuto texto: "Rapidamente disfarçando-se com roupas modernas, Robin Hood e seus Alegres Companheiros reuniram-se em conselho."

—Margery Allingham, em *Holiday*

NOS PRIMEIROS tempos dos programas de aventuras da TV, a estação WKBK, de Chicago, exibiu um filme épico de submarinos, com o Capitão Eddie. Um cenário do estúdio servia de interior do submarino e, para dar autenticidade, havia cenas do navio no mar. Isso era conseguido com *close-ups* de um submarino de brinquedo flutuando num tanque do estúdio.

Um dia, numa aula de História Natural que precedia o programa do Capitão Eddie, precisou-se do tanque para uma tartaruga viva. Na confusão entre os programas, a tartaruga foi esquecida. Num momento de tensão no episódio do capitão, quando a câmara se voltou para um *close-up* do submarino, a tartaruga levantou a cabeça para fora da água. Assim de perto ela parecia um horrendo monstro marinho.

Vendo essa aparição, o locutor improvisou: "Quase na mesma hora o vigia comunicou que tinha visto uma serpente do mar, mas o Capitão Eddie disse: 'Êsses sêres são lendários . . . o homem tinha excesso de imaginação!'"

—Maurice Condon, em *TV Guide*